



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

CARINE DA CONCEIÇÃO SANTOS

ICONOGRAFIA DE IMAGENS DE ROCA DA IGREJA DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE
(CACHOEIRA – BAHIA)

Cachoeira – BA
2012

CARINE DA CONCEIÇÃO SANTOS

**ICONOGRAFIA DE IMAGENS DE ROÇA DA IGREJA DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE
(CACHOEIRA – BAHIA)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Orientadora: Prof^a Suzane Pinho Pêpe

**Cachoeira – BA
2012**

TERMO DE APROVAÇÃO

CARINE DA CONCEIÇÃO SANTOS

ICONOGRAFIA DE IMAGENS DE ROCA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE (CACHOEIRA – BAHIA)

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

BANCA EXAMIADORA

Prof^a Msc. Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Prof^a Msc. Cristina Ferreira Santos de Souza

Prof^a Dr^a Camila Fernanda Guimarães Santiago

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aos meus amados pais Dulcinete dos Santos e José Carlos Santos, que são o grande alicerce na minha vida e estão sempre ao meu lado, apoiando as minhas decisões.

Aos meus queridos irmãos Aline Santos, Tiago Santos e Rodrigo Santos, que me proporcionam grandes momentos de alegria.

Aos colegas de graduação Edilton Mascarenhas, Lisânia Amorim, Antonio Lopes e Manoela Machado, pelos momentos compartilhados ao longo desses anos.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me auxiliaram, permitindo o meu ingresso na universidade, assim como aos que contribuíram para a minha formação profissional.

Não poderia deixar de agradecer a Deus por me ter me dado coragem e força para trilhar o caminho da academia e por ter vencido os obstáculos impostos pela vida, chegando ao final da minha graduação.

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objeto de pesquisa imagens de roca de Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte (Cachoeira – Bahia), considerando a história dessa igreja, o contexto religioso da época em que foram produzidas e a sua função social. Essa igreja mantém as suas atividades conduzidas pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Monte, que vem dando continuidade a seu trabalho religioso. Assim, vive a religião e rememora as suas tradições locais. A pesquisa insere-se na linha Museologia aplicada a acervo e se baseia na história da arte, em especial, no estudo iconográfico, que possibilita a leitura e interpretação do conteúdo das imagens. As fontes de pesquisa são os objetos de caráter histórico e artístico, além de outras fontes iconográficas, fontes bibliográficas e fontes orais. Além de abordar o tema imagem de vestir, traz informações sobre a devoção aos santos objeto de estudo no contexto da sociedade cachoeirana.

Palavras-chaves: Museologia – Imagens de roca – Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte – Cachoeira (BA)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte (Cachoeira).....	18
Figura 2 - TOM MAIA. Desenho da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira.....	20
Figura 3 - Fotografia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira.....	20
Figura 4 - Procissão da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira.....	27
Figura 5 - Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira.....	31
Ficha 1 - Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira.....	32
Figura 6 - Santa Cecília.....	35
Ficha 2 - Santa Cecília.....	35
Figura 7 - São Benedito.....	39
Ficha 3 - São Benedito.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	O CONTEXTO DE CACHOEIRA E O PATRIMÔNIO RELIGIOSO CATÓLICO.....	13
3	A IGREJA E A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE.....	18
3.1	A IGREJA E O ENTORNO.....	18
3.2	HISTÓRICO.....	20
4	AS IMAGENS DE ROCA.....	25
5	A “IGREJA DO MONTE” (CACHOEIRA): ICONOGRAFIA E AS IMAGENS DE ROCA.....	29
5.1	ICONOGRAFIA.....	29
5.2	DEVOÇÕES E ICONOGRAFIA DAS IMAGENS.....	31
	5.2.1 Nossa Senhora da Conceição do Monte.....	31
	5.2.2 Santa Cecília.....	35
	5.2.3 São Benedito.....	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem como objeto de estudo as imagens de roca da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, situada em Cachoeira, cidade do Recôncavo da Bahia. Levada pelo realismo presente nas imagens de vestir que também se tornaram conhecidas como imagens de roca, a autora desta monografia pretende mostrar o surgimento desse tipo de imagem na igreja católica e seus reflexos na sociedade, considerando o seu objeto de estudo. Tradicionalmente utilizadas na doutrinação, essas esculturas são compreendidas como bens da cultura material que representam e documentam crenças religiosas. Refletem a maneira como os escultores trabalhavam, técnicas e estilos da época, assim como padrões iconográficos.

Consideramos como imagens de roca as que possuem estrutura de ripas de madeira ou articulações que ficam cobertas pelo traje, o que lhe concede maior leveza, facilitando o seu deslocamento nas procissões.

Na Bahia, no século XVIII, muitas imagens de santos, inclusive as de roca, tornaram-se conhecidas por sua dramaticidade que foi sendo substituída por um gosto mais ameno consolidado no século XIX. Apesar de seguirem o espírito de uma época, deve-se, também, levar em conta que essas peças eram realizadas por escultores, que, por sua vez, trabalhavam com aprendizes. Dependiam da produção de complementos realizados por outros oficiais, que faziam cabelos, olhos, entre outras partes da imagem.

Por serem as imagens de roca da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte ou da Igreja do Monte, como é corriqueiramente chamada pelos próprios fiéis, vistas aqui como documentos iconográficos importantes, elas podem ser interpretadas, a fim de produzir material de pesquisa que possibilite um melhor entendimento do tema por parte de estudantes e da comunidade local, que terão acesso a este trabalho.

O estudo iconográfico das imagens de roca da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte insere-se na linha museologia aplicada a acervo. De acordo com Tereza Cristina Scheiner (1989, p. 59):

A museologia vem sendo entendida, nos últimos anos, como a ciência dos museus, como uma área do conhecimento humano que trata, desde um

ponto de vista teórico, da relação entre sociedade e criação, a manutenção e o desenvolvimento dos museus. A museologia teria sido desenvolvida para estimular a compreensão e o estudo dos museus enquanto fenômeno social – oferecendo um espaço para a reflexão e o estudo da organização, administração, objetivos, métodos e ação do museu junta à sociedade (SCHAINER, 1989, p. 59).

A museologia aplicada a acervo é o conjunto de métodos e técnicas necessárias à implantação dos processos museológicos, área de trabalho proposta. Como existe uma lacuna bibliográfica quanto a sua definição, define-se museologia aplicada a acervo como o estudo de acervos não apenas pertencentes a museus, mas, também a acervos musealizados, ainda que esses objetos mantenham outras funções. Assim, o estudo de objetos conservados nas igrejas católicas patrimonializados insere-se nesta definição.

O interesse de compreender o acervo de imagens da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte é, em primeiro lugar, pessoal, desde quando a autora, nascida na cidade de Conceição da Feira (Recôncavo da Bahia), convive desde a sua infância com o imaginário católico, mais precisamente, com a devoção a Nossa Senhora da Conceição. A motivação de propor um trabalho nesse campo deve-se, de toda maneira, ao interesse profissional, na condição de futura museóloga, pelos estudos iconográficos, objeto da museologia, sobretudo, na sua área de interface com a história da arte.

As imagens possuem significado, podendo ser utilizadas como documento visual e registro da memória. Nesse sentido, a imagem, instrumento proveniente da cultura material de uma sociedade, serve como testemunho de gerações passadas. Acredita-se que através da preservação desses objetos, a humanidade possibilita a gerações vindouras conhecer a sua herança cultural e garantir a sua identidade.

Analisando o texto, de Márcia Conceição da Massena Arévalo, *Lugares de Memória ou prática de preservar o invisível através do concreto*, nota-se uma interessante distinção de memória e história. Para essa autora, “a memória é tida como tradição definidora, portadora de uma herança que dá sentido e forma, é viva e dinâmica”. (ARÉVALO, 2004, p.3)

Tomando-se como base a definição de Arévalo, pode-se fazer uma associação com o tema proposto, pois o uso das imagens da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte nas procissões possibilita que se reviva a memória

dos fiéis mesmo com as grandes transformações socioeconômicas conseguindo, assim, manter essa tradição.

Dando-se seguimento à distinção entre memória e história proposta por Arévalo em seu texto, ela menciona que “a história é o correlato opositor, como narrativa unificadora, ela separa e seleciona.” Também, “[...] a história cria uma identidade universal que precisa ser absorvida em contraposto às várias identidades fragmentadas, cada qual com sua memória específica.” (ARÉVALO, 2004, p. 3),

Pierre Nora trouxe a categoria “lugares de memória”. Segundo Nora, “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual”. (NORA, 1993, p.21) Neste sentido pode-se dizer que a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, de certa forma, configura-se como lugar de memória, pois resguarda preciosos objetos que resgatam a lembrança, possibilitando que os indivíduos se identifiquem, sendo este o único meio pelo qual a comunidade pode ter acesso a sua memória formadora e portadora de sentido. É válido salientar que a cidade de Cachoeira pode ser considerada um museu a céu aberto, pois ao percorrer a cidade pode-se fazer uma viagem no tempo através de sua arquitetura.

Nesse sentido, o objeto serve como testemunho tornado-se um instrumento proveniente da cultura material de uma sociedade sendo relacionado por suas qualidades. Percebe-se que através da preservação desses objetos a humanidade possibilita que outras gerações testemunhem a herança cultural, promovendo conhecimento e desenvolvimento social.

Defende-se, então, que é necessária a preservação das imagens para uma melhor compreensão dos valores sociais de uma época, em que o catolicismo penetrou em Cachoeira em todas as camadas sociais, tanto nas mais quanto nas menos favorecidas. Ao preservar e ao discutir sobre essas imagens se estará mostrando para outras gerações os valores de uma época, além das técnicas usadas na confecção destas peças.

O principal objetivo deste trabalho é realizar uma análise iconográfica das imagens de vestir da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte (Cachoeira), a fim de contribuir para o estudo dos sentidos e significados dessas imagens utilizadas na igreja católica e venerada por fiéis atualmente. Os objetivos específicos que norteiam este estudo são: analisar as imagens de roca e a sua função social; apontar dados históricos da igreja e de seu funcionamento; analisar as devoções

relacionadas à Igreja do Monte e seu significado para a sociedade cachoeirana; contribuir para o conhecimento do patrimônio material da cidade de Cachoeira; especialmente, as imagens de roca da igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte; e de suas invocações e analisar o significado simbólico das imagens dentro do ritual católico.

Para desenvolvimento desta pesquisa, partiu-se de um estudo preliminar, realizado no primeiro semestre de 2011, quando se definiu a metodologia da pesquisa que abrange a observação e pesquisa bibliográfica, em fontes orais e iconográfica.

Para colher os dados para a execução do trabalho foi necessário realizar primeiramente uma planta baixa, para que assim pudéssemos ter a localização das imagens no templo, e o registro fotográfico das imagens de roca. A partir daí, ficaria mais fácil o estudo iconográfico, baseando-se nos estudos de Erwin Panofsky, o que possibilitou a descrição das mesmas.

Logo após foi feita uma entrevista com o responsável da igreja Isaac Tito Santos Filho, para ter conhecimento sobre a igreja e as imagens nela conservadas. Pretendia-se analisar alguns documentos existentes na Igreja, porque tanto as fontes escritas quanto as orais são importantes e cabíveis neste trabalho. Não se escolheria um tipo em detrimento de outro. Entretanto, houve um empecilho ao longo do processo de trabalho, que impediu o aprofundamento do estudo com base em documentos de época e a tomada fotográfica das imagens no interior do templo, apesar de insistente solicitação ao órgão nacional responsável pelo patrimônio na cidade tombada (Cachoeira).¹ Contou-se então com a observação, a descrição e a fotografias realizadas no dia da festa de Nossa Senhora da Conceição do Monte (8 de dezembro de 2011).

Além da Introdução, Capítulo 1, este trabalho abriga uma contextualização da cidade de Cachoeira e de seu patrimônio religioso, que se constitui no Capítulo 2,

¹ Através de processo 01502.002946/0011-83, dado entrada em 09/11/2011, pessoalmente, pela orientadora deste trabalho, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Salvador – Bahia), sob a orientação do Juiz da Irmandade. Espera-se que esse quadro seja revertido, considerando-se o respeito que se tem ao Iphan como instituição que tem beneficiado a cidade de Cachoeira. Compreende-se também que tal intransigência derive de ocorrências no Brasil de roubo de documentos pertencentes a arquivos, assim como de imagens sacras. Dessa maneira, precisam ser empreendidas formas de disponibilizar a informação, a exemplo de sua digitalização e divulgação, para que não fique comprometido o campo de pesquisa sobre o patrimônio que, por princípio, pertence à sociedade.

seguido do terceiro capítulo intitulado *A Igreja de Nossa da Conceição Senhora do Monte*, subdividido em dois tópicos. No primeiro item faz-se uma descrição da igreja, local onde se encontra o objeto de estudo, e de seu entorno; no segundo, situa-se os dados históricos relativos ao templo em questão. O quarto capítulo trata das imagens de roca e de sua função no culto católico. No Capítulo 5, aborda-se a metodologia sugerida por Erwin Panofsky (1892-1968), para constituição da iconografia e iconologia, seguidas da análise das imagens de roca da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, sua devoção e função no culto católico e na comunidade cachoeirana.

2 O CONTEXTO DE CACHOEIRA E O PATRIMÔNIO RELIGIOSO CATÓLICO

A cidade de Cachoeira está situada às margens do rio Paraguaçu, no Recôncavo baiano, distante cerca de 110 km de Salvador, capital do estado. Cachoeira foi elevada à vila em 1693 e à cidade, em 1837. É considerada uma das preciosidades do patrimônio histórico brasileiro, por possuir rico casario composto de sobrados e ricas igrejas, edificados entre final do século XVII e o XIX. A paisagem preserva a imagem do Brasil Império e algumas dessas igrejas são no estilo do barroco tardio.

Segundo o trabalho *Caminhos do Recôncavo: proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo baiano* (2009), coordenado pelas pesquisadoras Lúcia Maria Aquino de Queiroz e Regina Celeste de Almeida Souza:

Nascida [...] às margens do Rio Paraguaçu, na época da colonização e do ciclo da cana de açúcar, a cidade de Cachoeira, distante cerca 110 km de Salvador, guarda fundamental traços da história, o que pode ser verificado a todo instante ao se percorrer suas ladeiras, ruas e becos calçados em pedra e admirar os velhos casarões. Suas belíssimas igrejas e capelas, construídas naquele tempo colonial, testemunham a inspirada arquitetura em que a região tinha importante significado econômico. (QUEIROZ; SOUZA (Coord.), 2009.p.38)

Cachoeira encontra-se em uma região propícia ao plantio e teve seu auge econômico nos séculos XVIII e XIX, tempo em que os recursos providos da produção das monoculturas de açúcar e tabaco.

A instalação de engenhos de açúcar em Santiago do Iguape desde o século XVI, área rica no solo massapé serviu de alicerce para a economia no Período Colonial. No século XVII, um povoado foi se expandido, à margem esquerda do Rio Paraguaçu, em torno de uma colina, onde hoje há um sobrado e uma capela dedicada a Nossa Senhora d'Ajuda, que devem ter pertencido a um engenho. Diversas construções contribuíram para a ampliação do núcleo urbano no século XVII e seguinte. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Igreja Matriz), a Igreja e o Convento do Carmo (construção iniciada em 1688), e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo (1715). Muitas construções civis foram edificadas nesse núcleo urbano. Em local distante do centro urbano foi construída a Igreja de Nossa Senhora do Monte.

No século XVIII, a atividade comercial dos produtos agrícolas de exportação e de outros produtos fizeram de Cachoeira uma vila muito rica, populosa e uma das mais importantes do Brasil. De Cachoeira eram escoadas mercadorias para o exterior, através de Salvador, mais importante porto da América Portuguesa nesse século. A atividade comercial foi fundamental para o desenvolvimento da vila, situada no limite da navegação do Paraguaçu. Do Porto da Cachoeira saíam muitos produtos agrícolas e carnes, que abasteciam Salvador. (BAHIA, v. III, 1982, p.29)

Para o porto, convergia o movimento de quase todo o comércio sertanejo de Minas e de vários outros pontos da Província, inclusive a zona do Alto São Francisco, ligada à vila de então por três estradas: a de Muritiba, seguindo pelo Porto de São Félix até dentre outras partes, Minas Gerais e Goiás, a de Belém, ligando-a à parte sul da Província, e a do Capoeirassu, que seguia em direção à Estrada Real do Gado, por onde eram conduzidas as boiadas do Piauí. (IBGE. Cachoeira. Histórico)

No século XIX, a economia fumageira ganhou importância e muitas fábricas de charuto foram abertas, várias por grupos alemães atraídos pela região. Muitas fábricas de fumo se ocuparam da produção e foram abertos escritórios de comércio e exportação. Em meados do século, essa atividade que empregou muitas mulheres (mão de obra mais barata) entrou em crise.

Em 1971, o conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Cachoeira foi reconhecido como "Cidade Monumento Nacional", Decreto 68.045, de 13 de janeiro de 1971, medida que significou o tombamento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) ², da área urbana e de alguns monumentos fora dela. (ROCHA, 2002, p.5-6).

A medida de tombar Cachoeira foi justificada, no próprio decreto, pela histórica participação política nas lutas da Independência do Brasil (1822-1823), que envolveram pessoas das diversas camadas sociais, desde senhores de engenho a escravos da região do Recôncavo. Assim, no século XIX, Cachoeira ganhou o título de "Cidade Heróica" ao ser elevada à Cidade em 1837. No século XX, seu tombamento está estreitamente ligado à imagem de Cachoeira como cidade

² Criado em 13 de janeiro de 1937 pela Lei nº 378, no governo de Getúlio Vargas (IPHAN. Sobre a Instituição) sob o nome Serviço de patrimônio Histórico Artístico Nacional. Passou por reformas administrativas diversas e, em 1971, quando Cachoeira foi tombada, esse órgão chamava-se Iphan. Hoje está vinculado ao Ministério da Cultura.

histórica, que reúne o segundo maior acervo arquitetônico colonial na Bahia, depois da cidade Salvador.

Cabe ao Iphan controlar as intervenções feitas no sítio urbano, para que as fachadas das construções mantenham o mais que possível, a sua originalidade. Isso é válido tanto para bens públicos quanto privados, o que cria pontos de tensão entre o “Patrimônio”, como muitos se referiam ao Iphan, e a comunidade.

Apesar do processo de tombamento de Cachoeira ter acontecido no início do anos 1970, isso não foi suficiente para despertar na comunidade local a valorização dos bens e o desenvolvimento de ações no sentido de preservação e conservação dos mesmos porque o ato de tombamento simplesmente não é suficiente, medidas têm de ser efetivadas, o que requer articulações políticas e verbas, assim como um trabalho de educação patrimonial, para o qual o despertar é recente.

Cachoeira vem sendo contemplada pelas ações do Programa Monumenta que atua em sítios históricos protegidos pelo Iphan. Inserida nesse programa em 2006, quando foi concluída a seleção pública de imóveis privados pertencentes a 26 municípios brasileiros a serem restaurados. O Monumenta é executado pelo Ministério da Cultura, através do Iphan, e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento. (MONUMENTA, [2008])

Em 2006, “o Monumenta se aproximou dos programas nacionais de desenvolvimento para estimular a contrapartida de estados e municípios para aumentar sua sustentabilidade e capacidade de replicação”. Cachoeira, possuidora de patrimônio histórico e artístico urbano e patrimônio da cultura imaterial relevantes, que abrange tradições religiosas, entre elas as festas religiosas, a culinária, entre outras, foi considerada uma das áreas prioritárias, pois tem uma população com baixo nível de renda e desemprego elevado. (MONUMENTA, [2008])

Muito se discute o termo patrimônio histórico na cidade de Cachoeira, por se tratar de uma cidade legalmente tombada. Françoise Choay, em seu texto, *A alegoria do patrimônio*, referindo-se ao patrimônio histórico, afirma que:

Patrimônio histórico. A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos. (CHOAY. 2006. p.11)

Essa abordagem mostra que a noção de patrimônio histórico não serve apenas aos bens imóveis. Apesar das suas peculiaridades, os bens materiais móveis também são dignos de ser conservados e lembrados. Também, antes, eram somente consideradas patrimônio histórico coisas que faziam referências a homens com poder ou à tradição da civilização católica e européia, implantada pelo colonizador português. Inicialmente, os bens tombados geralmente eram igrejas monumentais e prédios pertencentes a instituições públicas. Atualmente, tem havido um alargamento dessa visão e se tem enxergado como patrimônio bens que dizem respeito às comunidades em geral, que sejam considerados de valor para cultura material e imaterial. Esses últimos, diferentemente dos bens materiais, para os quais se recomenda o tombamento, são dignos de registro.

A igreja católica cumpriu um papel fundamental na constituição da cultura brasileira, sendo um grande disseminador da arte no período colonial e se fez presente no Brasil desde o século XVI. As primeiras capelas erguidas, as construções de médio e grande porte, edificadas nos séculos seguintes pelo clero regular e por ordens terceiras e outras irmandades de leigos foram reconhecidas, no século XX, como acervo importante do patrimônio católico, mas também da sociedade como um todo, por fazer parte da história. No caso de Cachoeira, alguns desses templos continuam em atividade, outros tiveram as suas funções modificadas. Mas mesmo os que continuam as suas atividades religiosas também são visitados por pessoas interessadas em conhecer a sua história, seus objetos religiosos artísticos. Além disso, seus administradores têm de obedecer às exigências dos órgãos públicos de patrimônio.

O Recôncavo da Bahia, onde se insere Cachoeira, tem a sua história de formação étnico-racial e social, fortemente marcada pela presença do branco português e do negro, de diversas etnias originadas da África Central e Ocidental, que foram comprados e trazidos para trabalhar na lavoura e tarefas domésticas nas casas dos senhores e em outras atividades (PARÉS, 2007, p. 65), desempenhando importante papel na construção das cidades e edifícios da Colônia e do Império no Brasil, inclusive das igrejas. Nesse contexto, paralelamente ao catolicismo, formaram-se irmandades católicas de pardos e de negros que desenvolveram religiões de matriz africana. Tanto as tradições católicas quanto as do povo de santo são muito presentes na sociedade vigente e suas festividades vêm resistindo à modernidade.

Os marcos culturais do catolicismo em Cachoeira e seu patrimônio material religioso, no qual se interpenetram as tradições culturais imateriais representam gerações passadas, que fizeram edificar ricas construções religiosas, as quais atestam a riqueza da cidade nos séculos XVIII e XIX, ou melhor, a economia se fazia presente também nos templos e acervos, às vezes, construídos e decorados com peças compradas com dinheiro de doações feitas por fiéis como demonstração de sua fé e poder dentro de seus grupos sociais. Composto por uma diversidade de objetos de ouro, prata, que possuíam valor simbólico e econômico. Objetos nesses materiais serviam para ostentar a riqueza e o poder daquela sociedade interligada a outras partes do mundo. Muitas peças que compõem o acervo das igrejas da cidade vinham de centros europeus e de outras localidades com que a metrópole tinha relações comerciais.

3 A IGREJA E A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE

3.1 A IGREJA E O ENTORNO

A igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte (Figura 1) está localizada na Sede do município de Cachoeira, situado no Recôncavo da Bahia, na margem esquerda do Rio Paraguaçu. Situa-se sobre uma elevação, de onde podem ser vistas as cidades de Cachoeira e São Félix, que são separadas pelo Rio Paraguaçu e ligadas pela ponte D. Pedro II. Tem a sua fachada principal voltada para a ladeira que lhe dá acesso, a Rua Dr. Simões Filho. Do lado esquerdo do edifício está a Praça Maestro Tranquilino Bastos, em cujo centro localiza-se um antigo coreto. Destaca-se no conjunto paisagístico, funcionando como marco urbano. O monumento e a praça estão compreendidos no perímetro de preservação integral do Centro Histórico local, tombado pela União em 1971.



Figura 1 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte (Cachoeira). 2011.

Fonte: Autora

A estrutura da Igreja do Monte segue o esquema tradicional, com nave, capela-mor flanqueada por corredores laterais e sacristia superposta por tribunas. A

fachada em três corpos é dividida por pilastras. O centro da fachada é interrompido por três portas que dão acesso à nave e três janelas de coro, todas com vergas arredondadas e frontões retos incompletos. Já os corpos laterais possuem apenas uma janela, ao nível do coro. Observa-se que apenas a torre esquerda, com terminação piramidal revestida de louça, foi concluída.

O edifício em questão é revestido por um forro em gamela (vasilha em forma de tigela muito grande) e na nave encontra-se pintado um medalhão com a figura da Virgem Maria. A sacristia, nave e capelas conservam pisos de mármore em padronagem xadrez. Destacam-se, no interior da igreja, o lavabo de mármore e a pia batismal de pedra. Os altares são em talha no estilo neoclássico, de acordo com o gosto que surgiu no século XIX, em oposição ao rococó que foi considerado muito rebuscado. Nessa nova forma decorativa a linha reta ou quadrada é mais valorizada, diminuído os excessos decorativos do estilo anterior, as colunas tradicionais dão lugar a guirlandas de flores e laços compondo, assim, a decoração. (BAHIA, v. III, 1982, p.78).

O coro e tribunas da nave da Igreja do Monte possuem guarda-corpos em balaústres chatos vazados. As casas, térreas, que contornam a igreja foram construídas no século XIX, porém, algumas já perderam suas características originais. O templo de irmandade revive o falso transepto, que podem ser encontradas em igrejas de galerias externas, e de corredores laterais (BAHIA, v. III, 1982, p.78).

Contudo, no que se pode observar a igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte não possui sinalização adaptada, sendo as condições de acessibilidade ao templo ruins, devido à extensa ladeira de acesso à fachada principal, assim como e o difícil acesso à sua fachada posterior. A igreja não integra os roteiros turísticos comerciais da cidade.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte resguarda, em seu interior, graciosas imagens sendo elas: Nossa Senhora da Conceição, das Dores, Santana, São Benedito (fixa e processional), Santa Cecília, Nossa Senhora da Soledade e Senhor do Bonfim.

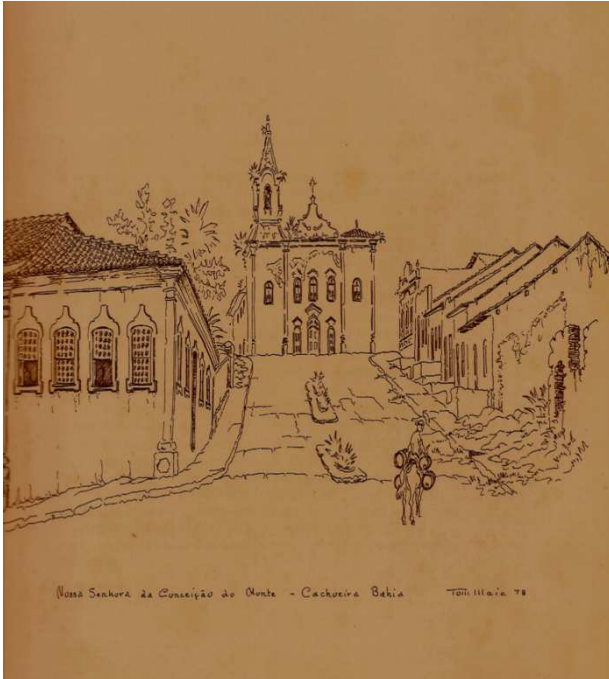


Figura 2 - TOM MAIA. Desenho da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira. 1978.

(Fonte: <http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2010/12/nossa-senhora-da-conceicao-do-monte-uma.html>)



Figura 3 - Fotografia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte da Cachoeira. 2011.

Fonte: Autora.

No desenho realizado por Tom Maia em 1978 (Figura 2), o artista retrata a graciosidade da fachada da Igreja do Monte. Comparando-se esse desenho datado de 1978 a uma fotografia atual (Figura 3), pode-se observar que houve mudanças no entorno do templo, pois as casas que compõe o conjunto arquitetônico foram descaracterizadas. Houve uma perda de ritmo que dava unidade estilística ao casario.

3.2 HISTÓRICO

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte começou a ser erguida em meados do século XVIII e, no ano de 1780, a igreja foi aberta para o culto dos fiéis. (COSTA, 2008, p.25)

Segundo o Juiz da Irmandade e professor de História Isaac Tito Santos Filho, há duas versões sobre o surgimento da Igreja de Nossa Senhora do Monte. A primeira versão provém da tradição oral. Conta-se que a Igreja do Monte está

associada ao sonho de uma freira, de origem rica, que pediu a seu pai, um senhor de posse dono de engenho, para construir um templo na Vila de Cachoeira encima de um monte. Por essa razão, a igreja teria sido construída no alto da ferrovia, numa das áreas mais elevadas da cidade. Esse pedido se devia ao fato da Virgem Maria ter aparecido e apresentado uma mensagem àquela jovem religiosa. Conforme a tradição oral, o pedido foi negado pelo pai. Frustrada, abandonou o convento para se empenhar nessa obra. (SANTOS FILHO, 25 set. 2012)

A outra versão, segundo o atual Juiz da Irmandade, é que a Igreja foi mandada construir pelo proprietário do Engenho do Ponto das Garças, Domingos Fiúza. Ele também informou que essa área da cidade custou a ser urbanizada e que as pessoas veraneavam nessa parte da cidade, por ser bem arejada. (SANTOS FILHO, 25 set. 2012)

Segundo Aristides Milton, no livro *Ephemérides cachoeiranas* (1904; 1979), em 1746, ficou pronta uma casa de oração levanta por devotos no “Monte”, consagrada a Nossa Senhora da Conceição. Um livro de assentos revelou que, entre 1779 e 1795, foram feitas despesas com obras da capela mor e que já existiam princípios de uma capela. O mesmo autor mencionou que em 1874, José Gonçalves Fiúza edificou no mesmo lugar em 1876, dedicando a construção a Nossa Senhora da Conceição. (MILTON, Aristides, v. 1, 1979, p.230) Provavelmente, nessa época, a igreja ganhou proporções maiores e, segundo Milton, ela foi aformoseada, quando Manoel Freire de Andrade era administrador e beneficiador dessa obra. Nessa época, com muitas esmolas e aos serviços realizados por ele, o prédio pudesse ser concluído. Por conta da morte desse benfeitor, a obra teve prosseguimento com a participação de Antonio João Bellas, que continuou a prestar serviços até a sua conclusão. Em 1846, foi concluída a construção da única a torre que a igreja possui. (MILTON, 1979, p.230)

A história da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte está ligada, no século XIX, ao movimento liberal abolicionista, pois foi aí que Tranquilino Bastos, filho de um português e uma negra, fundou uma filarmônica de negros em 1888, ano da abolição. (SANTOS FILHO, 25 set. 2012)

No Inventário de *Proteção do Acervo Cultural da Bahia: monumentos e sítios* (1982) foram citadas as seguintes restaurações e intervenções sofridas na igreja: em 1888, a construção de um altar na base da torre direita da igreja (não concluída), segundo data assinalada no mesmo; em 1925, a retirada do gradil que cercava a

igreja e adro; por volta de 1930, a substituição das janelas primitivas do coro por venezianas; em 1934, a eliminação do adro da igreja; em 1935, a substituição dos assoalhos primitivos por novos e a recuperação de telhados e forros; em 1979/80 – colocação de grades de ferro nas janelas da sacristia esquerda, a substituição de tábuas estragadas dos assoalhos, além da execução de três novos assoalhos na torre; em 1981/82, a recuperação dos forros das capelas-mor e laterais, bem como alguns telhados e parte de instalação elétrica. (BAHIA, v.3, 1982, p. 78). Finalmente, a última restauração, ocorrida entre 2007 e 2008, realizada no quadro do projeto Monumenta/lphan:

As intervenções de má qualidade foram retiradas e os elementos originais restaurados de forma a estabelecer uma harmonia com o projeto original. Foram incluídas nas obras as restaurações da cobertura, dos forros em madeira, do assoalho, das esquadrias e do piso em mármore, e um novo revestimento das alvenarias, além de pintura, instalações elétricas, luminotécnicas, hidrossanitárias e implementação do sistema de proteção de descargas atmosféricas. [...] O restauro da Igreja Nossa Senhora do Monte retomou seu aspecto erudito e suas funções originais voltadas às questões sociais. (MONUMENTA, [2008])

Também é mencionado no mesmo texto que “a intervenção reconstituiu a imagem do templo através da recuperação de sua estrutura, sem alteração da planta original”. Essa e outras obras foram inauguradas no dia 15 de agosto de 2008, dia da Festa da Boa Morte. (MONUMENTA, [2008])

As intervenções realizadas na Igreja do Monte através da restauração de sua estrutura, não alteraram a planta original. A igreja retomou seu aspecto erudito e suas funções originais direcionadas para as questões sociais. As intervenções são mais visíveis no interior da igreja, pois se trata de substituições aleatórias de matérias e até mesmo, tentativas restaurativas. A principal intenção das intervenções foi a de conservar as funções religiosas, realizando apenas adaptações dos espaços, tentando adequar seu espaço às necessidades da Irmandade da Conceição do Monte em plena atividade. Foram construídos banheiros e as salas foram segmentadas.

Ainda em atividade, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Monte é um legado cultural que atravessou gerações, transferindo conhecimento e história. Pode ser considerada como um instrumento identitário que contribui para a

preservação da memória coletiva. As irmandades representam um papel fundamental, pois foram grandes propagadoras do catolicismo no Brasil, trazidas pelos portugueses para a Colônia.

João José Reis (1991, p.51), em seu livro *A morte é uma festa* traz uma interessante definição a respeito das irmandades. Para ele as irmandades são: “associações corporativas no interior das quais se teciam solidariedades fundadas nas hierarquias sócias.” Conforme menciona em seu texto essas instituições já existiam na Europa desde o século XIII.

Cada irmandade exercia uma atividade assistencialista. Essas atividades direcionadas aos indivíduos associados e a não associados, que gozavam de caridades, assistência médica entre outras vantagens. O pertencimento às irmandades indicava prestígio e reconhecimento social.

Adauto Sales que era juiz da Irmandade quando foram feitas as pesquisas para compor o Inventário do Ipac informou que esta foi criada por volta de 1780 (BAHIA, v. 3, 1982, p. 78), mas não há indicação de fontes, o que presumimos que provenha da tradição oral ou que tenha tido acesso a documentos, que não tivemos. Segundo a mesma fonte, Adauto Sales disse que o Compromisso da Irmandade foi modificado em 1853, pela última vez. (BAHIA, v. 3, 1982, p. 78)

Conforme Isaac Tito Filho Santos, juiz há onze anos, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Monte é formada por pessoas religiosas que desempenhavam um papel de manutenção do culto a Virgem Maria. Entre as suas funções, está o zelo pela igreja. Mantêm a limpeza e a decoração da igreja com flores. (SANTOS, FILHO, 20 out. 2012) A Irmandade é dirigida por uma mesa administradora composta de: juiz; presidente; tesoureiro; procurador geral cujo papel é entrar em contato com os irmãos; escrivão que corresponde a secretário; e juíza de devoção, cargo ocupado por uma mulher. Contudo estes cargos são escolhidos através de votos secretos. (SANTOS, FILHO, 20 out.2012)

Atualmente, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte funciona todas as quintas-feiras para a visitação pública, das 17h 30min às 19h, quando ocorre o “Momento Mariano” e, esporadicamente, abre para casamentos, batizados e missas encomendadas. A irmandade promove eventos religiosos, como a realização mensal de uma missa votiva a Nossa Senhora da Conceição e os calendários de festa que são: a festa de Nossa Senhora do Amparo que ocorre dia 8 de setembro; Santa Cecília 22 de novembro; São Benedito, tradicionalmente em

outubro, porém ultimamente está sendo celebrada em abril, para não chocar com a festa de Nossa Senhora do Rosário e a festa mais rica que é a de Nossa Senhora da Conceição do Monte no período de 29 de novembro á 08 de dezembro. (SANTOS, FILHO, 20 out.2012)

4 IMAGENS DE ROCA

As imagens sacras podem ser agrupadas segundo as suas finalidades: as que se destinam aos retábulos das igrejas e capelas, chamadas de retabulares; as que são criadas para sair nas procissões e demais rituais católicos a céu aberto, conhecidas por imagens processionais; outras têm a função de compor conjuntos escultóricos cenográficos para comemorações importantes do calendário litúrgico, como a Paixão e o Natal. Ainda há as que figuram nos oratórios domésticos (OLIVEIRA, 1998 apud PÊPE, 2000, p.31).

Enquanto as imagens retabulares deviam ser vistas de determinados ângulos, as processionais não tinham ângulo preciso para ser apreciadas. Costumavam ser esculpidas em tamanho próximo ao natural; podiam ser de talha inteira ou articulada (OLIVEIRA, 1998 apud PÊPE, 2000, p.31).

Selma Soares de Oliveira, no texto *As seculares imagens de roca* (2009), define imagem ou santo de roca como: “uma designação genérica usada para um tipo de imagem que tem como principal característica a possibilidade de ser vestida”. Segundo essa autora essas imagens também são chamadas de “imagem de vestir, bastidor ou imagem de procissão”. Porém para ela só essa definição não é suficiente para o esclarecimento do termo havendo, assim, a necessidade de outras associações (OLIVEIRA, 2009, p. 203).

Conforme Oliveira, as imagens de roca podem ser classificadas de acordo com suas características e o seu processo construtivo. Divido-as em duas categorias: imagens de roca completas e imagens de roca incompletas. Segundo ela:

As imagens de roca completas são as que apresentam todos os elementos que diferenciam esse tipo de imaginária das imagens convencionais. Aqui estão incluídas as imagens articuladas e as que por alguma simplificação no processo escultural carecem de componentes externos para definir a sua visualidade, como vestes, perucas etc. Já as imagens de roca incompletas são aquelas que apresentam apenas parte das características acima citadas. Algumas imagens chegam a ter somente um elemento definidor, como a peruca ou a articulação (OLIVEIRA, 2009; p.212).

Nota-se que, na classificação das imagens, há controvérsia, pois alguns pesquisadores chegam até a propor quatro categorias diferentes de esculturas com formas variadas, porém todas elas com designação de imagens de roca. Essas imagens vestidas com roupas de tecido, quando têm partes construídas em estrutura de ripas ou quando são articuladas, foram chamadas de imagens de roca.

Segundo a mesma autora, essa definição não lhe parece de todo clara, porque tanto sugere vestimentas feitas com tecidos fabricados, utilizando-se uma roca, ou seja, uma roda de fiar, quanto pode remeter a um bastidor, ou ainda à “armação de madeira” das imagens de santos. (OLIVEIRA, 2009, p. 203).

Resolvemos consultar o juiz da Irmandade para ter uma ideia do que compreende como imagem de roca. Ele explicou que chama de imagem de roca as que são vestidas e têm ripas, articulações ou outra estrutura que não deve aparecer.

Maria Helena Óchi Fléxor discutiu a origem do termo imagem de roca no texto *Imagens de roca e de vestir* (2005), publicado pela Revista Ohun, no qual essa autora buscou a origem do termo roca a fim de demonstrar uma relação entre cenários medievais e o uso desse termo “roca” para chamar as imagens que possuem armações encobertas por roupas de tecido, habitualmente chamadas de imagens de roca. A discussão da autora nos despertou para o fato de que essa questão não está fechada mesmo que o termo tenha determinada origem, o seu emprego também deve ser considerado, daí ter de conhecer a origem do termo.

Fléxor mencionou que nos cenários feitos para procissões ibéricas, figurava uma rocha montanhosa – roca –, habitação de santos eremitas. A “roca” decorava carros; dela saía um ostensório. As encenações católicas, provavelmente de origem medieval, que tiveram grande desenvolvimento entre os jesuítas e eram comuns nas igrejas de Portugal nos séculos XVI e XVII. Também o hábito de vestir imagens está atestado em documentos em Portugal e no Brasil e essa prática foi muito comum. (FLÉXOR, 2005, 166-167)

As imagens feitas com ripas são mais leves o que sempre facilitou o seu transporte, permitindo que sigam os longos cortejos das procissões, ao contrário das imagens feitas em bloco compacto de madeira. Em seu texto *Imagens de roca e de vestir*, Maria Helena Flexor (2005) menciona que:

A possibilidade de mudar a roupagem e gestos se coadunava perfeitamente com a teatralidade barroca e com o que a cena

pedia. Essa prática retomava a Idade Média quando, nas teatralizações das vidas dos santos, a igreja tomou emprestada do teatro de marionetes o uso de bonecos, vestidos de acordo com a cena que representavam (FLEXOR, 2005, p.529).

Observa-se que o uso dessas imagens nas igrejas do século XVIII foi inspirado na teatralidade, compondo uma das importantes expressões da imaginária barroca, porém, no que se refere a sua utilidade nos cultos católicos, não há um estudo conclusivo.

As procissões na Bahia tinham um grande valor para a população, transformando tais cerimônias em belíssimas festas populares, tanto na capital quanto no interior. Isso explica de certa maneira, o elevado número de procissões e a grande quantidade de imagens de roca encontradas nas igrejas baianas.

O realismo e dramaticidade contribuíram para a popularidade de muitas imagens nos cânones do estilo barroco (OLIVEIRA, 2009, p. 207). Para um maior realismo, as imagens recebiam olhos de vidro, lágrimas de cristal ou resina dando mais dramaticidade à obra. As articulações permitiam mudá-las de posição em diferentes rituais, possibilitando gestos teatrais, o que enriquecia as representações católicas.

Para sair às ruas, eram vestidas com roupas luxuosas costuradas para essa finalidade e adornadas com jóias. As imagens de vestir processionais estimulavam a imaginação dos irmãos leigos, promovendo, de certa forma uma competição, entre as irmandades, que caprichavam nas vestimentas luxuosas dos santos exibidos nas grandes cerimônias religiosas.

O vestuário da imaginária serve para identificá-las iconograficamente, sendo um dos aspectos importantes da iconografia, pois há uma participação direta dos devotos, tanto no processo de execução quanto no próprio ritual de vesti-la, demonstrando requinte e satisfação.

Os adereços de ouro, prata e pedras preciosas enriqueciam essas imagens, cujos olhos de vidro e cabelos naturais as impregnavam de realismo, o que provocava os sentidos dos fiéis e aumentava a relação devocional fiel/santo. Para sair nas ruas em procissão, além das roupas de luxo e jóias, tinham uma coleção de acessórios de ouro, pratas e pedras preciosas, de valor simbólico.

Os irmãos também tinham de se preocupar com a criação de um local especial para guardar esses santos nas igrejas, sacristias ou ainda nas casas ou

sala dos santos (OLIVEIRA, 2009, p. 206-207). Na Bahia, muitas imagens foram deixando de sair nas procissões, inclusive porque várias delas deixaram de acontecer, contudo, não perderam seu valor artístico e histórico nem deixaram de fazer parte do acervo das igrejas e irmandades religiosas.

Tratando-se do sistema construtivo das imagens que possuem uma estrutura, popularmente chamadas de roca, nota-se que são constituídas por duas partes: a primeira é a escultura elaborada, composta por mãos, cabeças e pés, executada de madeira de boa qualidade. Já a outra parte, que fica coberta pelo vestuário, geralmente confeccionada com peças simples de madeira de qualidade inferior. (OLIVEIRA, 2009, p. 211) Devido a sua estrutura, formando corpo rústico e por serem ocas, possuem o peso reduzido, o que permite o transporte de grandes conjuntos em meio ao cenário das procissões.

Inserida nesse contexto, pode-se observar que a cidade de Cachoeira que ainda preserva a tradição das procissões, quando a população da igreja caminha pelas ruas da cidade, fazendo percursos tradicionais. Carregam imagens em adores, mantendo assim o sentido original das imagens de vestir, que é o da fé e do teatro religioso, que abrilhantam as cerimônias religiosas das igrejas, despertando na comunidade uma sensibilidade devocional.

5 A “IGREJA DO MONTE”: ICONOGRAFIA E AS IMAGENS DE ROCA

5.1 ICONOGRAFIA

A análise iconográfica das imagens de roca da igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte tem como ponto de partida teórico-metodológico o trabalho do crítico e historiador da arte Erwin Panofsky (1892-1968) *Significado nas artes visuais* (2004), no qual ele define a iconografia como um ramo da História da Arte que prevê a descrição e classificação das imagens, assim como o significado das obras. Seu método prevê três níveis de trabalho.

Segundo Panofsky, o primeiro nível de entendimento de uma imagem é o primário ou natural, subdividido em factual ou expressional. Esta fase tem como principal função enumerar e identificar as formas puras das imagens que carregam significados, ou seja, o mundo dos motivos artísticos. Para esse autor, tal enumeração constitui-se em uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte. (PANOFSKY, 2004, p.50).

O segundo nível de análise volta-se para os temas secundários ou convencionais. É o momento de articular os motivos artísticos e as combinações de motivos artísticos (composição) com assuntos e conceitos. Trata-se da análise iconográfica no sentido estrito, por exemplo, reconhecer uma ceia como a Última Ceia (PANOFSKY, 2004, p.50). Diz respeito ao estatuto, ou melhor, ao domínio daquilo que identificamos como imagens, histórias e alegorias.

No terceiro e último nível, denominado pelo autor de iconologia, aborda-se o significado intrínseco ou conteúdo da imagem. Essa etapa depende mais da interpretação que advém da síntese do que da análise. Portanto, é através da iconografia seguida da iconologia que se pode descrever os elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma imagem, para, assim, torná-los explícitos, possibilitando que a percepção seja articulada e comunicável (PANOFSKY, 2004, p.52). Nessa fase, são questionados pelo pesquisador a relação com o ambiente histórico de um dado período, nação, crença religiosa, filosofia – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra.

Considera-se que essa proposição metodológica de Panofsky é adequada ao estudo da função simbólica das imagens na Igreja Católica. Desde

o princípio do cristianismo, as imagens tiveram uma função didática de grande eficácia, traduzindo palavras sagradas. A imagem sintetizava ensinamentos dos textos escritos e na, maioria das vezes, não carecia que a pessoa soubesse ler para compreender passagens bíblicas e histórias de santos. Desde a Idade Média, a imaginária sacra afirmou-se no processo de evangelizar, sendo notável, nos templos religiosos do século XVIII, a importância dessas representações. Assim, os ensinamentos passados por essas imagens vêm atravessando séculos através do imaginário popular. Despertam, também, o interesse de pesquisadores que se debruçam sobre seu estudo nas várias épocas.

Eduardo França Paiva (2006), em seu livro *História e Imagens*, ele afirma que:

As imagens, portanto, podem ter longa vida. E isso não é primazia das que surgiram vinculadas às religiões. Muitas imagens, tanto iconográficas quanto de memória de grupos sociais, de momentos históricos, de eventos, de sociedades inteiras inscrevem-se nessa duração temporal alongadas, ora cultivadas e preservadas, ora combatidas (PAIVA, 2006; p.52)

As imagens sacras escultóricas desempenham um importante papel nos templos católicos, pois representa a iconografia de Cristo. Compreende-se que as imagens exercem um papel complementar ao da palavra. Esta é enaltecida na Bíblia:

Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de lhe comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda obra. (Tm. 3, 15-17).

Nessa passagem Bíblica é relatada a relevância do ensinamento das Sagradas Escrituras, ou seja, a palavra pode ser usada para educar, corrigir e fazer justiça.

No caso das imagens sacras, elas estão ligadas tanto a passagens bíblicas quanto às histórias de santos católicos; simbolizam personagens que contribuíram para a construção do imaginário católico e são usadas para educar e corrigir, para lembrar aos fiéis o caráter humano e a possibilidade de abraçar

a fé, de se tornar puro e santo, mas, sobretudo, de lhes proteger, o que gerou tanta veneração em torno de muitos santos.

5.2 “IGREJA DO MONTE” (CACHOEIRA): ICONOGRAFIA DAS IMAGENS DE ROCA

As imagens de roca da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte foram encomendadas no passado, por membros da irmandade, segundo o juiz da Irmandade Isaac Tito. (SANTOS FILHO, 20 out 2012). Guardadas na sala de reuniões da Irmandade, estão as imagens de Nossa Senhora da Conceição do Monte, Santa Cecília e São Benedito, sobre as quais trataremos.

5.2.1 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE



Figura 4 - Nossa Senhora da Conceição do Monte (Cachoeira, 8 dez. 2011)

Fonte: Autora

FICHA 1 - NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO MONTE

LOCALIZAÇÃO:

- 1 **UF/ Município** - Ba – Cachoeira
- 2 **Cidade/ Localidade** - Cachoeira
- 3 **Endereço** - Monte, Acesso pela Rua Dr. Simões Filho
- 4 **Acervo** - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte
- 5 **Local no Prédio** - Sala de reunião da irmandade
- 6 **Proprietário** - Igreja do Monte
- 7 **Responsável Imediato/ Endereço** - Senhor Isaac Tito Filho

IDENTIFICAÇÃO:

- 8 **Designação** - Nossa Senhora da Conceição do Monte
- 9 **Espécie** - Imaginária
- 10 - **Natureza** - Roca (articulada e com ripas)
- 11 **Época** – Século XVIII ou XIX
- 12 **Autoria** - Desconhecida
- 13 **Material/ Técnica** - Madeira/ Entalhe/ Policromia
- 14 **Origem** - Desconhecida
- 15 **Dimensões** -

DESCRIÇÃO:

Nossa Senhora da Conceição do Monte, apresenta-se de pé, em posição frontal. Caracterizada com a pigmentação branca, com cabelos longos naturais, olhos de vidro. Apresenta-se vestindo uma túnica branca com um manto azul escuro, véu transparente na cabeça e um aro com doze estrelas. As mãos encontram-se posta em oração.

Nossa Senhora da Conceição, é representada geralmente com semblante jovial, de pé sobre nuvens ou globo terrestre, enrolada por uma serpente, as mãos aparecem postas ou cruzadas á altura do peito. Sobre a cabeça, freqüentemente, aparece uma coroa real ou aréola (círculo de luz com que se orna a cabeça dos santos e que nas esculturas é suprido por um semicírculo de metal) de doze estrelas.

PROTEÇÃO:

Condições de segurança: (x) boa () ruim () razoável

Estado de Conservação:

() excelente (x) bom () regular () mau () péssimo

ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

A imagem apresenta um ótimo estado de conservação.

Restaurações:

Nenhuma restauração recente

CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS/ ORNAMENTAIS:

A iconografia desta peça é tradicional, com as mãos postas em oração

DADOS HISTÓRICOS:

A comunidade católica de Cachoeira celebra a festa da santa com novenário e festejos solenes - no dia 8 de Dezembro - a festa em louvor a Nossa Senhora da Conceição do Monte. Trata-se de uma das mais antigas devoções da cidade, havendo registros de que a festa já era realizada no século XVIII, mais exatamente em 1746, ou seja, há pelo menos 264 anos. O seu templo, num dos locais mais aprazíveis da cidade, é um dos monumentos mais expressivos da arquitetura colonial de Cachoeira.

Em Cachoeira, as devoções marianas são consideradas as mais importantes. São cultuadas Nossa Senhora do Rosário, d’Ajuda, do Amparo, do Carmo, da Boa Morte e Glória, da Conceição dos Pobres, do Rosário do Monte Formoso e Nossa Senhora da Conceição, orago intitulado Nossa Senhora da Conceição do Monte. (SANTOS, FILHO, 25 set. 2012)

Na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, a imagem de roca desta devoção localiza-se na sala de reunião da Irmandade, onde pode ser contemplada. Articula e com estrutura de ripas, veste túnica branca com um manto azul escuro, véu transparente na cabeça e um aro com doze estrelas. As mãos encontram-se postas em oração.

Em uma passagem do Evangelho, Mateus ensina que Maria foi escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus, sendo concebido sem o pecado original. Segundo Mateus: “E entrando um anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres (Mt., 1-28). E dará a luz a um filho e chamarás o seu nome Jesus; por que ele salvará o seu povo dos seus pecados.” (Mt., 1-21)

A imagem de Maria é freqüentemente, representada com semblante jovem e até mesmo infantil, de pé sobre as nuvens ou sobre o globo terrestre, envolto por uma serpente (CUNHA, 1930; p.24). Essa representa parece se encontrar mais nas imagens fixas.

A Imaculada Conceição é, segundo o dogma católico, a concepção da Virgem Maria livre do pecado original. O dogma diz que, desde o primeiro instante de sua existência, a Virgem Maria foi preservada por Deus, da falta de graça santificante que aflige a humanidade, porque Ela estava cheia de graça divina. “Assim como a lua guarda em seu seio os raios do sol, Maria guarda em seu ventre a luz divina, que é Cristo” (CUNHA, 1930; p.24).

Foram passagens como essas que inspiraram os artistas. A roupa da imagem em questão segue a tradição iconográfica, o vestido branco que representa a pureza e o manto azul comparado ao firmamento.

Sobre a festa dedicadas a Nossa Senhora da Conceição do Monte, há registros de que já era realizada no século XVIII, mais exatamente em 1746, ou seja, há pelo menos 264 anos (SANTOS, FILHO, 20 out. 2012).

Segundo a tradição, no dia 8 de dezembro, a festa começa com uma alvorada de fogos. Às 10 horas, tem uma missa festiva e à tarde, ocorre a procissão,

quando os fiéis saem pelas ruas, entoando hinos à Imaculada Conceição. Esse dia é a culminância de um ciclo que começa com um novenário que reúne a irmandade e fiéis, à noite, na Igreja.

Na cidade de Cachoeira a comunidade católica celebra com novenário³ e promove festejos solenes dedicados a Nossa Senhora da Conceição do Monte no dia 8 de Dezembro.

A fé a Nossa Senhora da Conceição foi registrada em matéria do Jornal Reverso, através do depoimento de um fiel, Helena Maria que declarou, aos 81 anos, alcançar graças de Nossa Senhora da Conceição todos os dias.

Hoje estou aqui trabalhando, trabalho e sempre trabalhei com muito gosto para Nossa Senhora, pois ela merece que a gente trabalhe para ela. É preciso ter em que se segurar na vida. É necessário, já que a gente não pode viver sem ter um apoio, e Nossa Senhora é esse apoio, ela merece a festa que tão fazendo para ela. (BARROS, 9 dez. 2011)

Um dos fiéis da padroeira de Cachoeira, Anderson Luiz Pinto de Jesus, coordenador da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, conta que desde pequeno frequenta a festa de Nossa Senhora da Conceição do Monte. Para ele, o seu interesse pela devoção a Conceição deve-se ao fato de pertencer a uma família de religião católica. Sua participação ativa nas festividades da irmandade ocorreu há mais de sete anos. Em seu depoimento afirma que: “A festa é muito bonita, pois a irmandade se preocupa sempre em fazer uma bela cerimônia, competindo com a festa da padroeira da cidade, sendo duas festividades de grande porte, a de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição do Monte” (JESUS, 31 out. 2012).

Conforme Anderson, a festa ainda mantém um grande público, mas não como antigamente, isso se deve ao fato de alguns católicos mudarem de religião, além da rigidez da Igreja Católica, que afasta alguns adeptos. ”(JESUS, 31 out. 2012).

³ Novenário são as nove noites que antecedem os festejos a Nossa Senhora da Conceição do Monte

5.2.2 SANTA CECÍLIA



Figura 5 – Santa Cecília (Cachoeira, 8 dez. 2011) Fonte: Autora

FICHA 2 - SANTA CECÍLIA

LOCALIZAÇÃO

- 1 **UF/ Município** - Ba – Cachoeira
- 2 - **Cidade/ Localidade** - Cachoeira
- 3 **Endereço** - Monte, Acesso pela Rua Dr. Simões Filho
- 4 **Acervo** - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte
- 5 **Local no Prédio** - Sala de reunião da irmandade
- 6 **Proprietário** - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte
- 7 **Responsável Imediato/ Endereço** - Senhor Isaac Tito Filho

IDENTIFICAÇÃO

- 8 Designação** - Santa Cecília
9 Espécie- Imaginária
10 - Natureza – Roca (com armação de ripas e articulada)
11 Época - Século XVIII ou XIX
12 Autoria - Desconhecida
13 Material / Técnica - Madeira/ Entalhe/ Policromia
14 Origem - É desconhecida

DESCRIÇÃO

Santa Cecília apresenta-se, em posição frontal, de pé, com a pigmentação branca, com cabelos naturais longos e olhos de vidro. Apresenta-se vestindo uma túnica dalmática branca, com um cordão na cintura, com um manto vermelho, em sua cabeça encontra-se um aro com doze estrelas. Nas mãos encontram-se uma harpa e na outra a palma do martírio. Vale ressaltar que por causa do cenário que foi montado na procissão, a harpa foi removida.

PROTEÇÃO:

Condições de segurança: (x) Boa () Ruim () Razoável

Estado de Conservação: () excelente (x) bom () regular () mau () péssimo

ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO: A imagem apresenta um ótimo estado de conservação.

Restaurações: Nenhuma restauração recente

Características iconográficas/ ornamentais: A iconografia desta peça é tradicional, com uma palma e uma harpa nas mãos.

DADOS HISTÓRICOS: Nascida em Roma, no século III, tornou-se cristã. O culto católico a Santa Cecília difundiu-se a partir do século V. As representações da Santa Cecília com instrumento musical nas mãos, ao que tudo indica, parecem ter surgido somente a partir do renascimento (CUNHA, 1993. p.104).

A imagem de Santa Cecília da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, da cidade de Cachoeira porta túnica e manto. A sua mão direita está posicionada para receber uma harpa. Com a mão esquerda segura uma palma, sinal de seu martírio.

Santa Cecília nasceu em Roma no século III, tornou-se cristã. Foi prometida pelos pais em casamento, desposou um pagão chamado Valeriano. Como tinha consagrado sua virgindade, comunicou a Valeriano que um anjo a guardava e, para que ele viesse, deveria fazer-se cristão. Conta-se que, depois de batizado e convertido, Valeriano via o anjo protetor ao lado de Cecília, que foi martirizada pela fé (CUNHA, 1993. p.104).

A Igreja ocidental, como a oriental, tem grande veneração pela mártir Cecília, cujo nome figura no cânon da Missa. O ofício de sua festa traz como antífona um tópico das atas do martírio de santa, as quais afirmam ter, nos festejos

do casamento, ouvindo o som dos instrumentos musicais, elevado o coração a Deus nestas piedosas aspirações: “Senhor, guardai sem mancha meu corpo e minha alma, para que não seja confundida”. Desde o século XV, Santa Cecília é considerada padroeira da música sacra.

A ideia que é veiculada entre os católicos é que a vida de Santa Cecília versou em torno da música, por isso padroeira dos músicos. Há comentários que chamam a atenção para isso: “A sua vida foi música pura, cuja letra se tornou uma tradição cristã e cujos mistérios até hoje elevam os sentimentos de nossa alma a Deus. [...] Estudiosa, adorava estudar filosofia, o Evangelho e a música, principalmente a sacra.” (CANÇÃO NOVA, 2012)

Outra informação que é passada sobre Santa Cecília no mundo católico é ela que provinha de uma família romana pagã, nobre, rica e influente. Manteve-se virgem e foi prometida, pela família, a se casar com um nobre romano, com quem teve de se contrair matrimônio. Após as núpcias declarou ao esposo que protegida por um anjo e manteria a sua castidade. Seu marido aceitou a sua decisão e junto com seu irmão foram batizados, pelo Papa Urbano convertendo-se ao cristianismo. As autoridades romanas mandaram prender Cecília, seu marido e seu irmão. Ao serem julgados, recusaram-se a negar a fé. Seu marido e seu irmão foram decapitados. A mesma sorte teria Cecília, mas sobreviveu à morte por asfixia em vapores e à decapitação, acordando três dias depois de ter sido golpeada. (CANÇÃO NOVA, 2012)

Acredita-se que o corpo de Santa Cecília permaneceu intacto após a sua morte. Santa Cecília apareceu em visão ao Papa Pascal I (século IX). O seu caixão estaria aberto e o seu corpo intacto. Foi então colocado em uma urna de mármore sob o altar de igreja a ela dedica. Outros séculos se passaram. Em 1559, o cardeal Sfondrati ordenou nova abertura do esquife e se viu que o corpo permanecia da mesma forma. (PORTAL SÃO FRANCISCO)

Em torno da fé a essa santa os fiéis acreditam que aconteceram muitos milagres. É uma das mais veneradas tanto no Ocidente quanto no Oriente e a devoção se espalhou no Mundo Novo, chegando ao Brasil.

A festa de Santa Cecília é celebrada tradicionalmente pelos católicos cachoeiranos no dia 22 de Novembro, com uma missa simples, sendo seu dia considerado pelos fiéis como o dia da Música e dos Músicos. Na cidade de Cachoeira existem três filarmônicas musicais atuantes, sendo uma delas a

Sociedade Cultural Opheica Lira Ceciliana (em 1888), que foi acolhida pela Igreja do Monte.

Segundo Cacau Nascimento, no texto *A capela d'Ajuda já deu sinal: as relações de poder e religiosidade* (1995) menciona que:

A filarmônica Lira Ceciliana, do ponto de vista e circunstância de sua criação, aponta para as vias trilhadas pelo preto no sentido da sua resistência cultural, política e de construção de sua identidade étnica, visto que eles foram capazes de construir caminhos paralelos ao que era estabelecido pela ideologia dominante (NASCIMENTO, 1995, p.14).

A Lira Ceciliana surge dentro de um movimento liderado por negros letrados e profissionais liberais mulatos. Conta a tradição que a festa de Santa Cecília era comemorada com grandes festejos.

Os fiéis católicos costumam circular orações aos santos, para que estes intercedam em suas causas. Como exemplo, a Oração a Santa Cecília, na qual se pede que o fiel confie em Deus e consiga resistir aos deleites do paganismo, o que teria feito Cecília abraçando a castidade e o amor a Deus.

Oração a Santa Cecília

Ó, gloriosa Santa Cecília, apóstolo de caridade, espelho de pureza e modelo de esposa cristã! Por aquela fé esclarecida, com que afrontastes os enganosos deleites do mundo pagão, alcançai-nos o amoroso conhecimento das verdades cristãs, para que conformemos a nossa vida com a santa lei de Deus e da sua Igreja.

Revesti-nos de inviolável confiança na misericórdia de Deus, pelos merecimentos infinitos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dilatai o nosso coração, para que, abrasados do amor de Deus, não nos desviemos jamais da salvação eterna. Padroeira nossa, que os vossos exemplos de fé e de virtude sejam para todos nós, um brado de alerta, para que estejamos sempre atentos à vontade de Deus, na prosperidade como nas provações, no caminho do céu e da salvação eterna.

Que Assim Seja.

5.2.3 SÃO BENEDITO

Figura 6 – São Benedito (Cachoeira, 8 dez. 2011)



Fonte: Autora

FICHA 3 - SÃO BENEDITO

LOCALIZAÇÃO:

- 1 - UF/ Município - Ba – Cachoeira
- 2 - Cidade/ Localidade - Cachoeira
- 3 - Endereço – Monte, Acesso pela Rua Dr. Simões Filho
- 4 – Acervo - Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte
- 5 - Local no Prédio - Sala de reunião da irmandade
- 6 - Proprietário - Igreja do Monte
- 7 - Responsável Imediato/ Endereço - Senhor Isaac Tito Filho

IDENTIFICAÇÃO:

- 8 - Designação - São Benedito
- 9 -Espécie - Imaginária
- 10 - Natureza - Roca (articulada)
- 11- Época - Século XVIII ou XIX
- 12 – Autoria - Desconhecida
- 13 - Material/ Técnica - Madeira/ Entalhe/ Policromia

14 Origem - Desconhecida**15 DESCRIÇÃO:**

Santo negro de pé, representando São Benedito, em posição frontal, cabeça levemente inclinada para direita, olhos na mesma direção. É caracterizado com pigmentação escura ou negra da epiderme e com os cabelos crespos. Em sua iconografia tradicional desde o século VXIII. São Benedito apresenta-se vestido de hábito franciscano, com o cordão da Ordem, tendo nas mãos flores, cruz ou lírio. No Brasil a esses atributos originais, foi acrescida a figura do Menino Jesus no colo sobre um manto, embora não haja uma base historiográfica para isso. Apresenta-se a boca entre aberta, mostrando os dentes. Pés descalços, olhos de vidro.

Os atributos no qual pode lhe identificar são: uma toalha ou pano de prato em uma das mãos, um avental com flores, o crucifixo e um coração inflamado de onde são derramadas sete gotas de sangue, no qual simboliza as setes virtudes.

PROTEÇÃO:

Condições de segurança: (x) Boa () Ruim () Razoável

Estado de Conservação:

() excelente (x) bom () regular () mau () péssimo

ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A imagem apresenta um ótimo estado de conservação.

Restaurações:

Nenhuma restauração recente

CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS/ ORNAMENTAIS:

A iconografia desta peça é com a imagem do Menino Jesus nas mãos.

DADOS HISTÓRICOS:

São Benedito (1524-1589) é um dos santos mais populares do Brasil, cuja devoção nos foi trazida pelos portugueses. Festejado pela comunidade católica de Cachoeira no dia 3 de abril. São Benedito trabalhou como pastor de rebanhos, foi irmão Franciscano, nomeado em 1578 como guardião ou superior do convento, cargo que aceitou com muita resistência por ser analfabeto. Foi admirado por todos, dedicando profundo respeito, amor desinteressado, condescendência pelas faltas e fraquezas alheias, zeloso e carinhoso com os doentes e necessitados, terno e sábio. Possuía o dom de penetrar as mentes e os corações.

A partir do século XIX, na cidade de Cachoeira, o alojamento de irmandades negras compartilhando o mesmo lugar com outras irmandades elitizadas, repercutiu em grandes conflitos interétnicos, entre as Irmandades de São Benedito e a Igreja d'Ajuda. Após muitas discussões, a imagem de São Benedito foi transferida com a autorização do arcebispo Dom Jerônimo Thomé da Silva para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte, onde já existia uma imagem fixa da mesma devoção. A Irmandade de São Benedito era formada em sua maioria por músicos negros (escravos e libertos) considerados "amadores", que viviam desse ofício.

Cacau Nascimento (1995) relata que:

[...] a acomodação de irmandades negras dividindo o mesmo espaço com outras de formação elitizada, na República, cristalizou os conflitos interétnicos que vinham se estruturando desde o século XIX e correspondia a um desejo social em tomar as rédeas de controle dos espaços públicos ocupados (área de domínio) pelo preto. (NASCIMENTO, 1995.p.15).

O texto de Nascimento faz uma síntese desse conflito que ocorreu entre as irmandades, demonstrando as disputas de poder que ocorria entre elas, isso correspondia à vontade social em tomar o controle de espaços públicos dominados pelos negros.

A imagem de São Benedito é representada freqüentemente, como jovem usando hábito franciscano, trazendo à cintura o cordão da Ordem. Possui como atributo uma toalha ou pano de prato numa das mãos, um avental com flores, um crucifixo e um coração inflamado de onde jorram sete gotas de sangue, simbolizando as sete virtudes (CUNHA, 1993. p. 81). Também é representado segurando o Menino Jesus nos braços, sobre um manto.

A festa de São Benedito é celebrada pela comunidade católica de Cachoeira no dia 3 de abril. Vale ressaltar que a imagem sobre a qual foi feito o estudo sai na procissão de Nossa Senhora da Conceição sem a imagem do Menino Jesus nos braços. Na procissão, que foi realizada no dia 08 de dezembro de 2011, o mesmo foi removido, pois foi montado um cenário, no qual as três imagens que sai na procissão aclamavam Nossa Senhora.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte é contemplada com duas imagens de São Benedito, uma localizada no altar colateral direito (imagem fixa) e a outra na sala de reunião da Irmandade (imagem processional).

Segundo a tradição, São Benedito nasceu na Sicília, perto de Messina, no século XVI, trabalhou como pastor de rebanhos. Tornou-se irmão franciscano, e passou para o Convento de Palermo. Aí assumia as tarefas de cozinheiro. Nomeado guardião ou superior do convento, cargo que aceitou com muita resistência por ser analfabeto. Foi admirado pela dedicação aos doentes e necessitados e pelo amor ao próximo. (SÃO BENEDITO) A tradição popular enriqueceu sua vida com numerosos

milagres. Terminou os seus dias como cozinheiro. Morreu no dia 4 de abril de 1589 e foi canonizado em 1807.

Trazida para o Brasil, a devoção a São Benedito se espalhou por toda a parte, sobretudo entre negros escravos, que faziam parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e dos Homens Pretos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resultou de um esforço processual. Os estudos realizados para o seu desenvolvimento possibilitaram à autora: reunir informações sobre Cachoeira, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte e conhecer o seu acervo; compreender as discussões acerca das definições de imagem de roca; descrever esculturas; relacionar o estudo com conceitos direcionados em sala de aula em diversas disciplinas e a leituras que permitiram desenvolver este trabalho.

Contudo, foram diversas as dificuldades enfrentadas ao logo desta pesquisa, algumas delas ainda não transpostas, como a impossibilidade de ter acesso a documentos e de fotografar peças da igreja, assim como manusear as imagens a fim de medi-las e fazer uma análise da sua estrutura. Outras que poderiam ter sido transpostas como a realização de entrevistas com fieis e a participação em reuniões da irmandade, o que ficará para um próximo trabalho. Também a dificuldade de acesso a livros sobre a vida dos santos.

Buscando informações *in loco* e participando da festa do dia 8 de novembro, tivemos vivências importantes que nos estimularam a não desistir dessa caminhada.

Sobre a Igreja, de uma capela construída no século XVIII foi erguido de proporção grandiosa e ao gosto do século XIX, assim como casas, que modificaram as suas fachadas nos últimos anos.

Apesar de termos tido a informação de que as imagens de roca, da Igreja do Monte, de Nossa Senhora da Conceição do Monte, Santa Cecília e São Benedito sejam do século XVIII, são passíveis de datarem do século XIX, o que não é possível afirmar sem um estudo mais aprofundado dessas imagens, tanto documental quanto comparativo com outras peças. Provavelmente procedem de ateliês (tendas) diferentes.

Observou-se que a irmandade luta pela continuidade das suas tradições, tanto participando das reuniões e missas quanto da conservação da igreja.

Como resultado primeiro deste trabalho, devemos sinalizar que foi aberto um diálogo maior com o Juiz da Irmandade, que colaborou em diversos momentos no próprio espaço do templo, mas que também abriu as portas da sua casa para dar entrevista sobre Cachoeira.

Atualmente, na Bahia, as imagens de roca não estão sendo mais utilizadas com a mesma frequência de antes, porém percebe-se que a igreja de Nossa da Conceição do Monte ainda preserva essa tradição que atravessou séculos de existência, possibilitando que as gerações futuras vivenciem essa arte.

Conforme pudemos observar, a procissão de Nossa Senhora da Conceição do Monte realizada no dia 8 de dezembro, ainda é muito apreciada pelos fiéis católicos, que acompanham com grande satisfação o cortejo, tendo a participação das filarmônicas da cidade, que o alegra com suas músicas. Relembrando o realismo das imagens que saem na procissão, o cachoeirano Anderson Luiz Pinto de Jesus disse: “A gente ainda vê pessoas de 60 e 70 anos, mesmo com a força da idade, participam dessa festa. É muito gratificante, ver essa visão de devoção a Nossa Senhora da Conceição [...]”

Sendo assim, chega-se a conclusão, com bases nos depoimentos, que a comunidade católica ainda cultua essas imagens, mesmo com todas as transformações socioeconômicas do município e a modernidade que vem chegando. A escultura de roca é um bem da cultura material que precisa ser preservado, para que não se perca uma forma importante de documento iconográfico que atravessou gerações.

Para isso, é necessário a conscientização da comunidade e dos órgãos de preservação da cidade de Cachoeira sobre a importância dessas imagens como legado cultural de uma época, que não pode ser esquecido. É válido salientar que o objetivo deste trabalho foi realizar uma análise iconográfica das imagens de roca da igreja de Nossa Senhora da Conceição do Monte da cidade de Cachoeira, a fim de contribuir para o estudo dos sentidos e significados dessas imagens utilizadas na igreja católica e cultuada por fiéis atualmente, de forma sistemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BIBLIA SAGRADA: Antigo e Novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARÉVOLO. Márcia Conceição da Massena. Lugares de Memória ou práticas de preservar o invisível através do concreto. Revista História Hoje. v. 3, n.7, 2004. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=7> Acesso em: 15 out. 2012.

BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. IPAC – BA. Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia: monumentos e sítios do Recôncavo. v. III, parte I. Salvador, 1982.

BARROS, Michele. Devoção a Nossa Senhora da Conceição do Monte marca o dia da padroeira em Cachoeira. **Reverso**. 9 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/reverso/2011/12/09/a-devocao-a-nossa-senhora-da-conceicao-do-monte-marca-o-dia-da-padroeira-em-cachoeira/>> Acesso em: 15 dez. 2012.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: historia e imagem. Tradução Vera Maria Xavier. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CANÇÃO NOVA. Santa Cecília, padroeira dos músicos. 22 nov. 2012. Disponível em: <http://www.cancaonova.com/cnova/ministerio/temp/inf_txt.php?id=2328> Acesso em: 15 dez. 2012.

CATEQUESE CATÓLICA. Vinde Espírito Santo. Orações. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/oracao/santos/44.htm>> Acesso em: 15 dez. 2012.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**: Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. Imagística de Cachoeira. Faculdade 2 de Julho. Salvador, 2008.

CUNHA, Maria José da Anunciação. Iconografia Cristã. Ouro Preto. UFOP/IAC, 1993.

FLEXOR, Maria Helena. Imagens de roca e de vestir na Bahia. **Revista Ohun**. Ano 2, n. 2, out. 2005, p. 165-184. Disponível em: <http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Maria_Helena.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.

FLEXOR, Maria Helena (Org.) et al. O Conjunto do Carmo de Cachoeira. Iphan /Programa **Monumenta**, 2007. Disponível em: <<http://www.monumenta.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/05/carmocachoeira1.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2012.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cachoeira. Histórico. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/cachoeira.pdf>> Acesso em 12 out. 2012.

LEMOS Carlos. **O que é patrimônio histórico**. Brasiliense. São Paulo, 1981.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas, SANTANA, Isnaia Veiga. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 4. ed. Salvador: Edufba, 2008.

MILTON, Aristides. **Ephemérides cachoeiranas**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. (Original: 1903).

MONUMENTA. Monumenta inaugura obras em Cachoeira (BA) no dia da Festa da Boa Morte. [2008]. Disponível em: <<http://www.monumenta.gov.br/site/?p=509>>. Acesso em: 18 out. 2012.

NORA, Pierre. Entre a História e a Memória. Tradução Yara Aun Koury. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento da PUC – SP** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 1981. p. 7-28.

NOSSA Senhora da Conceição do Monte: uma devoção de quase trezentos anos em Cachoeira. 1 dez. 2010. Disponível em: <<http://vapordecachoeira.blogspot.com.br/2010/12/nossa-senhora-da-conceicao-do-monte-uma.html>>. Acesso em 17 out. 2012.

OLIVEIRA, Selma Soares de. As seculares imagens de roca. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 40, p.203-215, jan./jun. 2009. P.203-215.

ORAÇÃO a São Benedito. Disponível em: <http://www.estigmatinos.com.br/index.html>

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PANOSFSKY, Erwin, **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PARÉS, Nicolau. **A formação do candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX – São Paulo: Companhias de Letras, 1991.

PÊPE, Suzane Pinho. A Atividade do Escultor Manoel Ignacio da Costa na Cidade do Salvador. Monografia. (Orientada pela Prof. Dr. Myriam Ribeiro de Oliveira). Especialização em Cultura e Arte Barroca. Universidade Federal de Ouro Preto. 2000. 161 p.

PORTAL SÃO FRANCISCO. Dia de Santa Cecília. Disponível em:
<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/novembro/dia-de-santa-cecilia.php>>
Acesso em: 15 dez. 21012.

ROCHA, Rubens. **A fascinante Cachoeira**: joia do Recôncavo baiano. Bahia: Gráfica Santa Bárbara, 2002.

QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino de; SOUZA, Regina Celeste de Almeida Souza. (Coord.). **Caminhos do Recôncavo**: proposição de novos roteiros histórico-culturais para o Recôncavo baiano. Salvador: 2009. (Texto não paginado).

SANTOS, Jadson dos. **Cachoeira**: III séculos de história e tradição. 2. ed. Salvador: EGBA, 2010.

SÃO BENEDITO, “O Santo Mouro” Confessor da Fé (1526 – 1589). Disponível em:<
<http://www.estigmatinos.com.br/s-bened.htm>> Acesso em: 15 dez. 2012.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museus e Museologia: Uma relação científica. **Ciências em museus**, n.1, 1989, p. 59-63.

ENTREVISTAS

JESUS, Anderson Pinto de. Entrevista concedida a Carine da Conceição Santos, Cachoeira, 31 out. 2012.

SANTOS, FILHO, Isaac Tito. Entrevista concedida a Carine da Conceição Santos, Cachoeira, 20 out. 2011.

SANTOS, FILHO, Isaac Tito. Entrevista concedida a Carine da Conceição Santos, Cachoeira, 20 out. 2012.

SANTOS, FILHO, Isaac Tito. Entrevista concedida a Suzane Pinho Pêpe. Cachoeira, 25 set. 2012.